


O TORCER NO FUTEBOL COMO POSSIBILIDADE DE LAZER: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE OS RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS DE NICK HORNBY (ARSENAL) E GRANT FARRER (LIVERPOOL)

Recebido em: 28/12/2020

Aprovado em: 01/09/2021

Licença: 

Eduardo de Oliveira Bueno Queiroz Fontes¹
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)
Varginha – MG – Brasil

RESUMO: Este artigo realiza um estudo comparativo entre as obras *Fever Pitch*, de Nick Hornby, e *Long Distance Love – a passion for football*, de Grant Farred. A proposta é analisar o que se refere aos conceitos de “memória e identidade” e “autobiografia esportiva”, como também investigar a forma como os autores apresentam o “ato de torcer” em suas obras para, então, preencher uma lacuna em relação ao estudo comparativo, nos apropriando das diferenças e semelhanças entre as narrativas. Para isso, a metodologia escolhida tomou como base a pesquisa das teorias autobiográficas, em especial o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune e Andrew C. Sparkes. Ademais, foram utilizados os conceitos sobre memória e identidade adotados por Stuart Hall, Joel Candau, Michael Pollak e Maurice Halbwachs e as definições sobre historiografia de Alain Courbin e Matthew Taylor. Além da leitura analítica dos livros selecionados, realizou-se uma pesquisa em trabalhos publicados sobre os autores em livros, jornais e periódicos. As décadas de 1970 e 1980 foram selecionadas para que fosse possível efetuar uma comparação entre as obras, considerando que têm, como centralidade, além do torcedor de futebol e sua passionalidade clubística, a literatura esportiva inglesa. Nick, torcedor do Arsenal. Grant, torcedor do Liverpool. Ambos apresentam suas tragédias e epifanias, exibidos num enredo em que a paixão pelo futebol e, principalmente, por seus times, é tratada como uma obsessão, pois promove uma junção entre viver e torcer, tornando-os elementos inseparáveis. Os autores viviam em realidades diferentes. Nick, branco, morava na Inglaterra e podia acompanhar o Arsenal nos jogos. Grant, negro, morava na África do Sul em pleno regime do Apartheid e torcia para o Liverpool, um time eminentemente racista, que não aceitava jogadores negros. A realidade dos torcedores/autores foi retratada neste artigo de forma a mostrar que a relação entre eles é bem maior do que se pode ler em uma autobiografia.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de lazer. Autobiografia. Futebol.

**FOOTBALL FANS IN SOCCER AS A POSSIBILITY OF LEISURE: A
COMPARATIVE STUDY BETWEEN THE AUTOBIOGRAPHIC REPORTS OF
FOOTBALL SUPPORTERS NICK HORNBY (ARSENAL) AND GRANT**

¹ Professor Efetivo do CEFET-MG – (Grupo de estudos linguísticos, literários, discursivos e semióticos do CEFET-MG Unidade Varginha e doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

FARRED (LIVERPOOL)

ABSTRACT: This article performs a comparative study between the works *Fever Pitch*, by Nick Hornby, and *Long Distance Love - a passion for football*, by Grant Farred. The proposal is to analyze what refers to the concepts of “memory and identity” and “sports autobiography”, as well as to investigate the way in which the authors present the “act of supporting football” in their works to then fill a gap in relation to the comparative study, appropriating the differences and similarities between the narratives. For this, the methodology chosen was based on the research of autobiographical theories, in particular the autobiographical pact of Philippe Lejeune and Andrew C. Sparkes. In addition, the concepts of memory and identity adopted by Stuart Hall, Joel Candau, Michael Pollak and Maurice Halbwachs and the definitions of historiography by Alain Courbin and Matthew Taylor were used. In addition to the analytical reading of the selected books, a research was carried out on published works about the authors in books, newspapers, and periodicals. The 1970s and 1980s were selected so that it was possible to make a comparison between the works, considering that, in addition to the soccer fan and his clubistic passion, English sports literature is central. Nick, Arsenal fan. Grant, Liverpool supporter. Both present their tragedies and epiphanies, displayed in a plot in which the passion for football and, especially, for their teams, is treated as an obsession, as it promotes a junction between living and cheering, making them inseparable elements. The authors lived in different realities. Nick, white, lived in England and could follow Arsenal in the games. Grant, a black man, lived in South Africa under the Apartheid regime and rooted for Liverpool, an eminently racist team that did not accept black players. The reality of the fans / authors was portrayed in this article to show that the relationship between them is much greater than what can be read in an autobiography.

KEYWORDS: Leisure activities. Autobiography. Soccer.

Introdução

Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola
(Nelson Rodrigues).

O futebol em geral e os clubes de todos os confins do planeta – em especial, na Inglaterra, o berço do futebol – têm se destacado, desde longa data, pela facilidade com que conseguem mobilizar ampla quantidade de pessoas. O que mais impressiona, contudo, não é a quantidade, mas a diversidade desse público e, talvez por isso, seja difícil defini-lo de maneira precisa.

O antropólogo brasileiro Arlei Damo (1998, p. 132) nos diz que, para esse

público diverso do futebol, “a sociologia das décadas de setenta e oitenta usava o termo *massa*”. Entretanto, nesta pesquisa, não adotaremos esse termo, corrente nas referidas décadas, pois o consideramos inadequado para o enfoque que pretendemos dar ao fenômeno do torcer. Acreditamos que o ato de torcer e a torcida em si não só precedam os integrantes do próprio time de futebol, mas que lhes ensejam maior grau de importância.

Portanto, ao invés de lançar mão do conceito de “massa”, neste artigo, procuraremos observar e analisar o ato de torcer como possibilidade de lazer, tendo como referência apenas dois torcedores e, para tanto, elegemos duas autobiografias esportivas como integrantes do corpus deste estudo. Decidimos selecionar as autobiografias *Fever Pitch*, de Nick Hornby (1992), e *Long Distance Love: A Passion for Football*, de Grant Farred (2008), pois ambos nos descrevem o que é, segundo suas visões, ser um torcedor de futebol, ser um fã, e o que são suas identidades a partir de ângulos e posições diferentes, dentro das possibilidades de lazer.

O lazer, aqui, é adotado num sentido mais amplo, definido por Nelson Carvalho Marcellino, pesquisador brasileiro dos Estudos do Lazer, da seguinte forma:

O lazer é entendido aqui como cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivência (praticada ou fruída), no “tempo disponível”. É fundamental como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 2007, p. 11).

Marcellino (2007, p. 11) também nos apresenta a ideia de que o lazer não é efetuado, mas sim “funciona como uma das esferas de ação humana historicamente situada”. Por ser um campo de atividade em estreita relação com as áreas de atuação do homem, podemos considerar que as alienações, as insatisfações e as pressões sofridas pelos dois torcedores, autores das obras aqui estudadas, serão fatores preponderantes

para a comparação das duas autobiografias, ao entendermos o torcer como uma possibilidade de lazer.

Por sua vez, o sociólogo norte-americano Robert Stebbins (1992) propõe uma visão diferente de lazer em relação à atitude de ser fã de acordo com a forma de engajamento do indivíduo, algo pertinente ao estudo das autobiografias de torcedores, proposto nesta tese. Stebbins nos traz uma breve definição de sua perspectiva sobre o “lazer sério”, que seria:

[...] a busca sistemática de uma atividade amadora, um hobby ou atividade voluntária, na qual seus participantes a considerem suficientemente substancial, interessante e gratificante, que, num caso típico, onde se lançam em uma carreira centrada (de lazer) na aquisição e expressão de habilidades especiais, conhecimento e experiência (STEBBINS, 1992, p. 3, tradução nossa).

Além disso, autobiografias esportivas evidenciam as tensões e relações dos narradores com os motivos distintos da própria escrita, por exemplo, o desenvolvimento de suas identidades como torcedor durante a infância e a adolescência, a relação com a família e a sociedade, e a formação do próprio “eu”. O lazer dos torcedores, quaisquer que sejam suas atividades enquanto tais, envolve a satisfação de suas aspirações. Um critério usado para a escolha das obras foi a escrita efetiva, ou seja, ambas foram redigidas pelos próprios escritores, que, além de autores, se tornam, nas obras, narradores e torcedores (isto é, personagens principais) de suas próprias narrativas e também a escrita afetiva, pois, a escrita afetiva é um jeito de se colocar no mundo para narrar algo, sobre alguém, alguma situação, algum ambiente, alguma organização, algum organismo. É um convite a viver e nomear o vivido; a sentir e nomear o sentido; a afetar(-se) e nomear o afetado e afetivo.

Antes de entrarmos na parte teórica que diz respeito às autobiografias, gostaríamos de citar um trecho da obra de Liz Stanley, socióloga britânica, que nos diz, de forma bem cativante, o que deve ser e o que devemos esperar de uma autobiografia.

Ela diz:

Esperamos que a nossa vida e a de outras pessoas tenham altos e baixos, tenham "significado", tenha personagens mais e menos importantes, heróis e vilões, que sejam vistos como lineares e progressivos e que a cronologia forneça os meios mais importantes de compreensão deles, uma forma e estrutura que são características da literatura STANLEY (1993², p. 12 citado por WOOLRIDGE, 2008, p. 624, grifo e tradução nossos).

Ao estudarmos autobiografias, uma definição desse conceito se faz necessária. A definição proposta pelo teórico francês Philippe Lejeune tem sido a mais estudada e trabalhada em várias áreas. Ela será nossa principal referência ao tratarmos das autobiografias que integram o corpus da pesquisa. Lejeune diz que “uma autobiografia é uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Outro aspecto apontado por Lejeune, que será trabalhado nesta pesquisa numa perspectiva mais geral, é que, para uma autobiografia se configurar como tal, é preciso haver uma relação de identidade entre *o autor, o narrador e o personagem* (LEJEUNE, 2008, p. 14). Essa relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem é, geralmente, marcada pelo emprego da primeira pessoa na narrativa, ou seja, em termos literários, trata-se de uma narração autodiegética.

Neste estudo, trabalharemos com autobiografias esportivas, que seguem as mesmas linhas de outras autobiografias, tendo como diferencial o tema esporte. Essas autobiografias versam, geralmente, sobre a vida de algum atleta famoso ou mesmo alguém ligado ao esporte. Talvez, por isso, não sejam tão aceitas no meio acadêmico e, muitas vezes, sejam relegadas a outro tipo de literatura. Mesmo que nem todas as autobiografias esportivas contemplem o contexto histórico buscado por pesquisadores e sejam assertivas nas referências e informações escritas pelo autor, Martin Polley aponta

² STANLEY, Liz. On Auto/Biography in Sociology. **Sociology**. v. 27, n. 1, p. 41-52, February, 1993.

uma evidente mudança: “existe, cada vez mais, um aumento de interesse popular e acadêmico pela história esportiva” (POLLEY, 2003, p. 166). O historiador britânico também acrescenta que essas histórias, mesmo não tendo a pretensão de serem reais, são, em contraste, muito autênticas.

Com relação às autobiografias que formam o corpus de análise da presente pesquisa, temos dois torcedores distintos, que torcem para diferentes times de futebol da Inglaterra. É importante salientar que, por serem times efetivamente existentes, consideraremos a qualidade narrativa da escrita em sua relação com a história e a memória, demonstrando que a escrita de vidas dialoga tanto com aspectos históricos, quanto com aspectos pessoais dos narradores e de suas experiências.

No escopo do lazer, Marcellino nos traz a definição de que esse tipo de lazer praticado pelos torcedores das obras em foco – isto é, a frequente ida a estádios, associações, pontos de encontro, manifestações sociais em grupo ou individuais – pode ser classificada como “interesses sociais do lazer”, uma das seis áreas fundamentais definidas pelo sociólogo francês Joffre Dumazedier (1980) para distinguir os tipos de lazer, entre eles, interesses físicos, manuais, intelectuais, artísticos e turísticos (MARCELLINO, 2007, p. 14).

Para a análise de autobiografias, deve-se levar em consideração também que o estudo da memória se faz importante para entendermos a diferença entre realidade e ficção nas obras, pois temos que a narrativa própria da autobiografia pode ser considerada como produto de uma rememoração. De acordo com a natureza do nosso estudo, as duas obras, escritas em primeira pessoa, nos remetem a uma realidade mais aceitável, já que, na dinâmica das duas narrativas, nas histórias de vida de cada um, emergem a voz e a identidade como o resultado da interação entre o narrador (podendo este ser um historiador), o autor e a personagem que contam uma história aos leitores.

Isso quer dizer que os autores colocam em relação suas vivências do passado e o que delas restam no presente e “em suas construções discursivas, mobilizam seu arsenal de experiências, pondo em ação tudo o que lembram, esquecem, comemoram para construir uma narrativa de si e consolidar um novo ‘eu’” (SOUZA, 2014, p. 91).

Não podemos dissociar os estudos da memória dos estudos da identidade para nossa pesquisa. Consideramos que memória e identidade estão intrinsecamente interligadas e, de acordo com o sociólogo jamaicano Stuart Hall (2015), a identidade significa um ponto de encontro, o nó que une os diversos discursos e práticas culturais a que os sujeitos estão expostos e que os interpelam, convocando-os a assumirem seus lugares sociais (HALL, 2015, p. 111-112).

Sendo assim, partindo dessa interseção entre memória e identidade, dentro de duas obras de caráter memorialístico, pretende-se verificar como o processo de construção de identidade está inscrito em um procedimento memorialístico que envolve reconstituição de um passado, reatualizações, lembranças e esquecimentos de algumas imagens pretéritas. Pois, ao nos basearmos em três critérios apresentados pelo sociólogo franco-austriaco Michael Pollak, “acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos” (POLLAK, 1992, p. 200). Ou seja, haveria a possibilidade de identificar a veracidade dos fatos contados nas autobiografias. Outrossim, seria verificar como esse procedimento memorialístico identitário forjou as bases do torcedor nas duas obras e, ainda, quais semelhanças e diferenças podem ser apontadas. Por fim, há a necessidade de se tecer uma articulação entre as autobiografias com o ato de torcer no futebol como possibilidade de lazer e o que é ser torcedor. Quanto a isso, é preciso considerar que “a memória é vista como a faculdade humana responsável pela conservação do passado,

das experiências vividas” (SOUZA, 2014, p. 98), enquanto a identidade “é que se faz necessário para recorrer e utilizar-se da memória para a construção da identidade do sujeito” (ibid.).

O antropólogo francês Joël Candau afirma que “a memória é a identidade em ação” (CANDAU, 2013, p. 28). Acreditamos que é preciso trazer a identidade para o entendimento do discurso das narrativas e é a memória usada pelos autores que lhes permite criar uma narrativa daquilo que vivenciaram.

Um dos problemas suscitados é a pouca valorização da autobiografia esportiva dentro do gênero autobiografia. O professor e pesquisador britânico Andrew C. Sparkes (2015, p. 3) aponta o grande interesse de estudo por várias áreas, como a Teoria da Literatura, a História, a Antropologia, os Estudos Culturais e de Gênero, mas ressalta o pouco interesse nas autobiografias esportivas. De acordo com Smith & Watson (2010), essa pouca valorização acontece pelo fato de se colocar as autobiografias esportivas no mesmo grupo de autobiografias de celebridades, como cantores, atores e outras figuras públicas (SMITH & WATSON, 2010, p. 239-240 *apud* SPARKES e STEWART, 2015, p. 4).

Autobiografias esportivas, como dito anteriormente, são, geralmente, negligenciadas, pois, de acordo com Thing & Ronglan (2015)³, elas não são aceitas como um recurso sério para análise por historiadores, por pesquisadores de outras áreas e por pesquisadores em SEH (Sport, Exercise and Health) (2015, p. 13 citado por SPARKES e STEWART, 2015, p. 5). Os fatores primordiais apontados por Thing & Ronglan são: “a característica comercial da obra e problemas para confirmar a autenticidade da escrita da obra” (2015, p. 13 citado por SPARKES e STEWART, 2015, p. 5). Tal fato se dá principalmente por se tratar da vida de celebridades

³ THING, L.; RONGLAN, L. Athletes confessions: the sports autobiography as an interaction ritual. *Scandinavian journal of medicine & science in sports*, v.25, p.280–288, 2015.

esportivas, seus estrelismos, gastos financeiros estratosféricos, apostas, bebidas e tudo mais que desperta o interesse do público em geral, mas não necessariamente da Academia. Acresce que esse tipo de obra, em geral, desperta pouco interesse acadêmico, por, supostamente, serem “fúteis” e, também, por serem comumente escritas com o auxílio da figura do “ghostwriter” ou do “redador”, explicitamente revelado nos paratextos, como é o caso de *Pelé: a autobiografia* (NASCIMENTO, 2006; lançada primeiramente em Inglês sob o título de *My Autobiography*; 2006), cuja autoria é atribuída ao “rei do futebol” e assinada com seu nome – Edson Arantes do Nascimento –, mas que contou com a participação de dois redatores: o jornalista brasileiro Orlando Duarte e, respectivamente, o jornalista britânico Alex Bellos, famoso autor da obra *Futebol: the Brazilian Way of Life* (BELLOS, 2002; título brasileiro: *Futebol: o Brasil em campo*). Tal ocorrência se deve ao fato de que vários atletas que publicam autobiografias não se sentiriam capazes para escrever sua própria história de maneira coerente e coesa.

Em contrapartida, os livros de Nick Hornby e Grant Farred, que compõem o corpus de análise do presente estudo, são obras escritas pelos próprios narradores, contando sobre seu “eu” e testemunhando fatos “reais” que aconteceram em suas vidas. Nesse sentido, temos em mente a pergunta feita pelo teórico norte-americano Paul John Eakin na obra *Fictions in Autobiography* (1985)⁴: “O quanto é verdadeiro o que os autobiógrafos dizem que experienciaram em relação ao que realmente experienciaram e o quanto é meramente o que eles sabem como dizer?” Eakin (1985 citado por SPARKES e STEWART, 2015, p. 5).

Além disso, deve ser ressaltado que, se para historiadores, as autobiografias esportivas seriam passíveis de questionamento enquanto fontes históricas, para

⁴ EAKIN, Paul John. **Fictions in Autobiography**: studies in the Art of Self-Invention. Collections: Princeton Legacy Library, 1985.

pesquisadores do campo dos Estudos Literários, estas também podem suscitar interesse, uma vez que as prerrogativas são de outra ordem: não estaria em jogo apenas "o que" se narra, mas também o "como" se narra. Portanto, não se trata de falar sobre a "verdade" dos fatos narrados, mas, sim, do "dizer verdadeiro" enquanto estratégia discursiva construída na e pela narrativa.

O teórico francês Maurice Halbwachs, em sua obra *A memória coletiva* (2006)⁵, originalmente publicada em 1950, distingue memória coletiva de memória individual conforme o passado é organizado sob a forma de lembrança (HALBWACHS, 2006, p. 102 citado por SOUZA, 2014, p. 99). Entende-se que a memória individual, interior ou pessoal é assim considerada quando uma determinada pessoa vê seu passado do seu próprio ponto de vista. Já a memória coletiva pertence às lembranças de uma sociedade ou grupo, mesmo sendo imagens parciais, também considerada memória social. Para Halbwachs, a memória coletiva não ultrapassa os limites do grupo e retém, do passado, tão somente o que ainda está vivo ou que é capaz de viver na consciência desse grupo (2006, p. 102 citado por SOUZA, 2014, p. 99).

Além do mais, Souza nos diz que, segundo Halbwachs, “essas duas memórias se interpenetram”, uma vez que a memória individual incorpora e assimila progressivamente todas as contribuições que lhe são externas – oferecidas pela memória coletiva – a fim de preencher eventuais lacunas e tornar as lembranças individuais mais exatas (SOUZA, 2014, p. 99). A memória individual, para Michael Pollak, “é um fenômeno construído”, pois, para o sociólogo franco-austriaco, “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204). Esse trabalho de organização será analisado nas narrativas das obras. Podemos aqui afirmar que a

⁵ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Editora Centauro, 2006.

memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, na medida em que ela é um fator importante no sentimento de continuidade e reconstrução de uma pessoa.

Outro fator interessante para o estudo da memória em autobiografias são as diversas projeções que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens. Pollak nos diz que “há também o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que ficou gravado como data precisa de um acontecimento, e, que, em função da experiência de vida, será assimilado, separado ou faltará no relato pessoal” (POLLAK, 1992, p. 201). O autor completa dizendo que “toda documentação usada em relatos pessoais é socialmente construída” e que é “trabalho do pesquisador / historiador, fazer a construção mais positiva da interpretação do documento” (POLLAK, 1992, p. 201).

Entendemos o futebol como sendo uma imensa projeção de um drama praticado pelos jogadores, mas, além disso, o futebol contempla uma complexa e sutil rede de argumentos e inferências relativas à vida, ao destino e às relações sociais dos que dele participam. Flores (1982)⁶ indicou, entre outros aspectos, como o futebol fascina o público por aquilo que veicula de igualdade e possibilidades de exercer escolhas – de exercitar a liberdade (FLORES, 1982 citado por SILVA, 2001, p. 9).

Nick e Grant nos trazem, em suas trajetórias de vida, os mais íntimos sentimentos daqueles que, gradativamente, se tornam parte inseparável do universo futebolístico.

Partindo do entendimento do que chamaremos de subgênero da autobiografia, a autobiografia esportiva, cabe reiterar que o objetivo principal desta pesquisa é comparar a narrativa do livro *Fever Pitch* – da trajetória do torcedor do Arsenal da Inglaterra, Nick Hornby –, com a narrativa do livro *Long Distance Love* – da trajetória do torcedor do Liverpool da Inglaterra, Grant Farred – no que diz respeito ao ato de torcer enquanto

⁶ FLORES, Luiz, F.B.N. Na zona do agrião sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DaMA TIA (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

lazer. Afinal, o lazer pode ser entendido como “uma necessidade humana fundamental, pode ser satisfeito de múltiplas formas, em cada contexto histórico, social e cultural” (GOMES, 2014, p. 3), sendo essa tríade de contextos base fundamental para a análise das obras.

Um dos objetivos da comparação é o de buscar, nas referidas obras, possíveis olhares em relação à formação do torcedor, como aconteceram em contextos diferentes, seus medos e angústias, suas decepções, e, como não poderia deixar de ser, suas alegrias incontidas. Outro aspecto a ser contemplado por esta pesquisa diz respeito à análise de como se desenvolveu e se ampliou o pertencimento clubístico, tendo em mente a classificação de Damo para que aconteça esse pertencimento: “frequência aos estádios, o domínio de informações de bastidores, o consumo de mercadorias associadas à imagem do clube e o comportamento durante os jogos” (DAMO, 1998, p. 65). Isso significa buscar entender como se fortaleceu o amor de Hornby pelo Arsenal e de Farred pelo Liverpool, tomando por base, para isso, seus relatos autobiográficos.

Para complementar o embasamento sobre lazer, adotaremos as definições sobre Lazer e as Fases da Vida propostas pelos professores e pesquisadores Helder Isayama e Christianne Luce Gomes (2008), pois, ao descreverem o lazer nas fases da vida, eles distinguem o tipo de lazer e suas definições em quatro fases, sendo as três primeiras de nosso interesse. A primeira fase versa sobre “O lazer na infância”, que colabora com o lazer de nossos torcedores no início de suas vidas envolvidos com o torcer no futebol; a segunda, “Lazer, juventude e cultura jovem”, que nos traz elementos para entender o lazer de nossos torcedores nesta fase da vida; e, por último, para nosso interesse, “O lazer dos adultos e a centralidade do trabalho e do consumo”, que será interessante para entender o lazer de nossos torcedores na fase adulta frente às diferentes esferas da obrigação humana (GOMES e ISAYAMA, 2008, p. 155-167).

Mudanças no Ato de Torcer

Tomando por base as obras que formam o corpus de análise da presente pesquisa, daremos início à comparação entre as trajetórias de Nick Hornby e Grant Farred, desde a infância, traçando semelhanças e diferenças de como o gosto pelo futebol se desenvolveu e, ainda, como se tornaram torcedores de seus times em particular. Valer-nos-emos das coincidências e curiosidades que, além de fazer parte do universo do futebol para os dois, também os diferenciam entre si.

Uma questão que prevalece na dualidade entre os dois está em suas classes de origem. Enquanto Grant tem sua família como classe trabalhadora, mas na África do Sul e durante o regime do Apartheid; Nick vem de uma família de classe média, na Inglaterra, que passava também por momentos socioeconômicos e políticos conturbados.

Na análise comparativa aqui proposta, como já mencionado, partiremos de sua tenra idade até meados de sua adolescência, quando ambos, Grant e Nick, dão uma guinada em suas vidas. Na sequência, teceremos a comparação entre os dois torcedores já em sua fase adulta. Relembramos que Nick Hornby vivia em Londres, mesma cidade do Arsenal, enquanto Grant Farred vivia na África do Sul, em pleno regime do Apartheid. Além disso, era um garoto negro torcendo pelo Liverpool, um time reconhecido por não permitir jogadores negros em suas equipes naquele momento.

Observamos ser importante apontar para a estruturação das duas obras antes de compará-las. A narrativa de Grant Farred segue uma lógica baseada na tortuosidade temporal, pois, ao ser demarcada por oito artigos análogos e distintos entre si, é possível perceber certos recuos e avanços no tempo que permeiam toda a narrativa. Grant, dentro de um mesmo parágrafo, narra um momento de sua infância, momentos futuros, como adulto, volta para sua juventude, e, em todos os casos, tendo não só o futebol e o modo

de torcer como assunto predominante, mas também abordando questões políticas e sociológicas.

Sob a mesma lógica, identificamos que a narrativa de Nick Hornby está baseada na linearidade temporal. Ela consiste em 75 crônicas autobiográficas, divididas em três partes – a primeira vai dos 11 aos 18 anos (1968-75), a segunda vai dos 19 aos 29 anos (1976-86) e a última vai dos 29 aos 35 anos (1986-92). Cada parte possui uma média de 23 textos (respectivamente, 23-29-23). Entre tantos textos, apenas três se referem à seleção inglesa de futebol, o que nos parece um fato interessante, pois, de modo contrastante, Grant se refere à seleção inglesa por várias vezes, especialmente para citar as performances de seus ídolos do Liverpool.

Nesse cenário, um elemento constituinte da identidade dos dois acontece no que Pollak (1992, p. 202) chama de “memória familiar”. Para o autor, “a memória familiar é o primeiro recurso de que o sujeito se vale. É onde o indivíduo encontra seus primeiros referentes, lembranças íntimas e memórias herdadas” (POLLAK, 1992, p. 202).

Dessa forma, podemos entender que Nick Hornby, enquanto torcedor do Arsenal, não apenas traduz o estilo de jogo do clube, como também estabelece diferentes estilos de torcer como atividades de lazer. Ao longo da narrativa que localiza o futebol em sua vida, Nick trabalha essencialmente com dois elementos, como nos aponta Lise: “o envolvimento febril e sofrido com o Arsenal; e a aversão a algumas formas de torcer – aqueles que só comparecem ao estádio quando o clube está em boa fase e os hooligans, que sequer são considerados torcedores pelo autor” (LISE, 2018, p. 63).

Observamos que Grant Farred, enquanto torcedor do Liverpool, desenvolve em maiores particularidades o estilo de jogo do clube, pois foca um pouco mais em alguns jogadores específicos, que, para ele, são deuses do futebol. Diferentemente da narrativa

de Nick, Grant trabalha com outros elementos, como dito por Stefan Szymanski⁷: “uma obsessão de torcer pelo esporte conduzida em diferentes continentes e que nos mostra como o torcer no futebol transcende e incorpora a política” (FARRED, 2008, n.p).

O Início de Tudo: Da Infância à Adolescência

Durante nossa comparação, analisaremos de que modo a memória e a literatura auxiliam na construção da forma das obras. Acreditamos que esta tese poderá nos dar respostas a alguns questionamentos, tais como o da professora e pesquisadora Natasha Santos Lise, que indaga: “de que forma a memória de um sujeito, junto à estética literária utilizada por este, auxiliam na construção de um elemento coletivo e passível de reverberação?” (LISE, 2018, p.15).

No primeiro questionamento sobre ir a um jogo de futebol, Nick respondeu ao seu pai: “Eu não tenho interesse no futebol” (HORNBY, 2000, p. 7), mas, curioso, assistiu àquele jogo pela televisão.

A primeira vez a gente nunca esquece, como diz o ditado popular. E assim aconteceu com Nick Hornby. Em 1968, após muita insistência de seu pai para que fossem a Highbury para assistir a um jogo de futebol, ele aceitou e ficou maravilhado com toda a experiência. “– Meu pai tentou de novo com o futebol naquele setembro de 1968 e deve ter ficado surpreso quando eu disse que sim. Eu nunca havia dito sim a nenhuma sugestão dele, embora raramente dissesse não”⁸ (HORNBY, 2000, p. 8).

Nick Hornby não se lembrava muito daquele primeiro jogo, apenas que a partida se deu entre o Arsenal e Stoke City em setembro de 1968 e que seu time havia vencido

⁷ Referência na contracapa do livro de Farred.

⁸ Originalmente: “My father tried again with the football that September in 1968, and he must have been amazed when I said yes. I had never before said yes to any suggestion of his, although I rarely said no either.”

por 1x0 num gol de rebote, numa batida de pênalti. Disse ele: “– Não lembro muito do futebol naquela tarde.”⁹ (HORNBY, 2000, p. 10).

Outra parte das lembranças que tinha do jogo, que, para ele, eram mais significativas, se referia ao ambiente em si. Num truque da memória que permite ver algumas coisas claramente, ele se lembrava das pessoas fumando charuto e cachimbo, do vocabulário vulgar e o volume que era usado pelos outros torcedores. Também marcou a quantidade massiva de torcedores, aproximadamente 20 mil. Por ter sido a primeira vez no estádio, essas memórias permanecem em qualquer torcedor.

Nick estava perplexo com os sentimentos dos torcedores no estádio. Ele só percebia a raiva em todos, que, de repente, se transformava em silêncio absoluto e, novamente, em raiva. Ele entenderia, então, que esse seria o sentimento prioritário em sua vida e de todos os torcedores. Afinal, como ele mesmo diz, “... que o estado natural do torcedor de futebol é o de sofrer decepção amarga, não importa qual seja o placar”¹⁰ (HORNBY, 2000, p. 12). Nick compara o entretenimento com a ida ao cinema. As pessoas se emocionam, choram, mas ele nunca havia visto os rostos de alguém no cinema se contorcerem de raiva, desespero ou frustração. Entretenimento como sinônimo de dor, assim como é o futebol, era novo para ele e assim o seria até os dias de hoje.

Como curiosidade, Nick se apaixonou pelo futebol e pelo Arsenal em sua primeira ida ao estádio, no jogo e na vitória por 1x0 contra o Stoke City. Time este, o Stoke City, que se tornará o segundo time de Grant, já criando um ponto de atrito entre os dois autores aqui analisados. Quanto a “segundo time”, cremos que todos os torcedores tenham um segundo time. É um time pelo qual o torcedor nutre algum sentimento, alguma simpatia, mas que não é o seu time do coração propriamente dito.

⁹ Originalmente: “I don’t recall much about the football that first afternoon.”

¹⁰ Originalmente: “...that the natural state of the football fan is bitter disappointment, no matter what the score”.

Em contrapartida, o mesmo não aconteceu com Grant. Isto é, ele não iniciou sua paixão pelo Liverpool indo ao estádio, mas apenas lendo reportagens sobre o time com, pelo menos, uma semana de diferença/atraso. Nem por isso ele tem dúvida que, desde o início, e sem influência de algum familiar, já era um autêntico torcedor do Liverpool. “-Não tenho dúvida de que compartilho minhas fantasias irrealizáveis com muitos fãs do Liverpool FC, uma comunidade cujas fileiras ingressei quando jovem em fevereiro de 1970”¹¹ (FARRED, 2008, p. 27). Apesar de acompanhar o Liverpool por reportagens, Grant, incrivelmente, só veio a assistir a um jogo de seu time – nem sequer ao vivo como Nick, mas pela televisão – em 1977, sete anos após o início de sua paixão. Nas palavras de Grant:

[...] A importância do meu sonho é, antes de mais nada, que a maioria das minhas lembranças do Liverpool, todas as minhas lembranças, toda a minha narrativa sobre esse clube de futebol inglês, nasceram e foram nutridas sem o benefício de nunca ter visto meu time jogar. Não até maio de 1977, quando os vi pela primeira vez em uma partida na televisão, a final da FA Cup contra o Manchester United no Estádio de Wembley¹² (FARRED, 2008, p. 30).

Por tudo isso, podemos perceber que os dois autores, no início de suas jornadas como torcedores, contemplam não só elementos atrelados às suas personalidades, mas que também aparecem fortemente conectados ao torcer como lazer. E, desde aí, já nos apontam para as diferenças no modo de torcer de cada um.

Em contrapartida, pelo menos no caso de Grant, há uma contradição entre sua história e o que defendem alguns pesquisadores, como Taylor. Taylor diz que: “os indivíduos são socializados para adotarem um time de futebol pela família” (TAYLOR, 2013, p. 7).

¹¹ Originalmente: “I have no doubt that I share my unfulfillable fantasies with many a Liverpool FC fan, a Community whose ranks I joined as a young boy in 1970.”

¹² Originalmente: “The salience of my dream is, rather, that most of my Liverpool recollections, all my memories, my entire narrative about this English football club, were born and nourished without the benefit of ever having seen my team play. Not until May 1977, anyway, when I first saw them in a televised match, the FA Cup final against Manchester United at Wembley Stadium”.

De acordo com Lise, “nesse sentido, apesar de Hornby contemplar elementos de sua personalidade, estes aparecem fortemente atrelados ao esporte; como se tratasse de apenas uma faceta da vida – a de torcedor” (LISE, 2018, p. 64). O que de certa forma também se pode dizer sobre Grant, já que ambos nos apresentam uma “faceta da vida – a de torcedor”, mas com uma pequena diferença. Enquanto Nick foca mais no torcer por torcer, Grant foca mais no torcer político, pois sua capacidade de torcer está atrelada às questões políticas da África do Sul e do próprio Liverpool.

Ao tratarem da identidade familiar, ambos os autores aqui estudados se assemelham na forma como apresentam suas famílias. Assim, como afirmado por Lise, pode-se pensar em memórias do “torcedor Nick Hornby” (LISE, 2018, p. 63) e por que não do “torcedor Grant Farred”, que, embora sejam também filhos, maridos, pais e escritores, tudo isso apenas flutua na narrativa. Em outras palavras, pela leitura dos livros, não sabemos sequer o nome de seus pais ou mães, ambos citam os avós, mas sem dizer nem mesmo seus nomes. Sabemos apenas que Nick tem uma irmã chamada Gill e um meio irmão Jonathan, enquanto Grant cita apenas o nome do seu irmão Glenn, o que, como exposto por Lise, está “contrariando, de certa forma, o modelo mais comum de falar sobre a própria vida” (LISE, 2018, p. 63).

Nick era o único torcedor do Arsenal na sua série. Como ele diz: “Não como surpresa, eu era o único torcedor do Arsenal no primeiro ano”¹³ (HORNBY, 2000 p. 14) e buscava formas de socialização com seus colegas. Para Grant, por sua vez, o fator de socialização era jogar futebol com seus amigos da escola e, depois de algum tempo, conversar sobre o futebol inglês com aqueles que, assim como ele, torciam por algum time inglês e não da África do Sul. Fato curioso também aconteceu com ele, que era o único torcedor do Liverpool entre seus colegas de escola e que usava esses momentos

¹³ Originalmente: Unsurprisingly, I was the only Arsenal supporter in the first year.

de socialização para uma discussão sobre futebol, deixando de lado, mesmo que por alguns momentos, os problemas gerados pelo Apartheid e de raça. Quanto a isso, é interessante nos debruçarmos sobre o seguinte trecho do seu livro:

Em justas verbais na cidade com meus amigos do Arsenal, do Spurs e do Manchester United, suspendemos o debate sobre raça quando nos referíamos a nossas equipes ou seus apoios a elas e meu LDL (Long Distance Love), fato de ser um torcedor satélite¹⁴ (FARRED, 2008, p.54).

Nesta fase inicial da pesquisa e por tudo o que vimos até aqui, podemos descrever Nick usando a tipificação oferecida por Giulianotti como um “fã apenas”. Isto é, aquele que “estabelece uma forma de intimidade ou de amor pelo clube ou por seus jogadores, mas esse tipo de relação é unidirecional em suas afeições” (GIULIANOTTI, 2012, p. 21) e que irá mudar com o passar dos anos, jogos e resultados do Arsenal. E, para Grant, a definição que mais se aproxima à sua trajetória até aqui é a de um “flâneurs”, aquele que “adquire uma identidade pós-moderna de torcedor através de um conjunto despersonalizado de relacionamentos virtuais” (GIULIANOTTI, 2012, p. 21), pois ainda só tem notícias do Liverpool através da mídia.

Dando luz ao que Lejeune nos apresenta como indicadores da autobiografia – sejam eles o uso de 1ª pessoa, relação entre autor, narrador e personagem, e a forma que irá permear o restante da obra –, Nick conta trechos referentes aos momentos que antecedem os jogos, durante os jogos e que acontecem após a partidas sempre utilizando os pronomes *I* (eu) e *my* (meu/s), *minha(s)*, como no exemplo: “*I had been forced to go to bed before the result came through – and my mother wrote the socre down on a piece of paper and attached it to my bookcase*”¹⁵ (HORNBY, 2000, p. 16), sendo que, nesse exemplo, transcreveremos a tradução na nota de rodapé pois queremos enfatizar o uso dos pronomes no original em Inglês.

¹⁴ Originalmente: In verbal jousts in the townships with my Arsenal, Spurs, and Manchester United friends, we suspended the debate about race when it came to our teams or their support and my LDL.

¹⁵ “Eu fui forçado a ir para a cama antes que o resultado saísse - e minha mãe escreveu o resultado em um pedaço de papel e o colou na minha estante” (tradução nossa).

O mesmo em relação à forma de escrita acontece com Grant, isto é, o mesmo uso dos pronomes *I* (eu) e *my* (meus), minha(s), como no exemplo: “*As much as I loved Keegan, I never saw him play live in a Liverpool shirt – I (re)created every move by Keegan or Hughes in my mind*”¹⁶ (FARRED, 2008, p. 30). Aqui, Grant não só nos explicita o uso dos pronomes, corroborando com Lejeune, como também nos atesta o que era sua realidade, já que não podia acompanhar aos jogos do seu time e apenas podia imaginar o que teria acontecido.

Na temporada de 1970, os torcedores do Arsenal o apelidaram de “*boring, boring Arsenal*” (HORNBY, 2000, p. 26), isto é, “chato, chato, Arsenal”, pois o time, quando ganhava, era por 1x0 e, na maioria dos jogos, apenas empatava. Obviamente, Nick odiava o fato de o Arsenal ser chato e apresentar péssima performance. Tudo indicava que sua obsessão pelo Arsenal não havia começado bem. Interessante destacar que até mesmo Grant percebia o Arsenal como “chato” ou “entediante”.

Em sua formação de torcedor, Grant, ao ler no jornal o nome “Liverpool”, sentiu algo diferente. “Algo clicou entre a palavra ‘Liverpool’ e minha psique infantil e eu me tornei, naquele exato momento, um fã”¹⁷ (FARRED, 2008, p. 34). Assim, instantaneamente, se tornou um torcedor do Liverpool, mas poderia ter sido qualquer outro time, inclusive – como ele diz – “o entediante Arsenal”. Sobre esse time, Grant diz que era “tão empolgante quanto um filme mudo no rádio, essa era minha opinião sobre os ‘Gunners’, como o Arsenal é conhecido por seus fãs, que incluíam meu avô materno”¹⁸ (FARRED, 2008, p. 34). Também vale a pena mencionar que esse trecho de Grant é uma das poucas referências de seus familiares na narrativa e mostra como torcer

¹⁶ “Por mais que eu amasse Keegan, nunca o vi jogar ao vivo com uma camisa do Liverpool - eu (re) criei cada movimento de Keegan ou Hughes em minha mente” (tradução nossa).

¹⁷ Originalmente: Something clicked between the word “Liverpool” and my boyish psyche and I became, at that precise moment, a fan.

¹⁸ Originalmente: the boring Arsenal (about as exciting as a silent movie on the radio, was my take on the “Gunners,” as Arsenal are known to their fans, who included my maternal grandfather.

para o Liverpool era algo que ia em contra suas tradições familiares, fato que veremos mais adiante.

Por outro lado, e ainda sobre a escolha entre um time e outro, Nick também desvenda o que, para ele, seria o significado de lealdade do torcedor pelo seu clube: “Eu descobri depois do jogo de Swindon que, lealdade, pelo menos no futebol, não era uma escolha moral como bravura ou gentileza; era mais como uma verruga ou uma protuberância, algo em que estava impregnado a você”¹⁹ (HORNBY, 2000, p. 27). Essa ideia remete a Damo, como visto anteriormente, já que seria uma das características do pertencimento clubístico, que, para o autor, faz parte da identidade social do indivíduo.

Complementando a fala de Nick, e com uma visão um pouco mais politizada sobre a questão do pertencimento clubístico e do que seria ser um torcedor, Grant nos diz:

Talvez isso seja o verdadeiro torcer: um relacionamento afetivo intenso moldado pela política - um partidarismo profundamente arraigado. Não é bem a crítica absolutista, amiga / inimiga, desenvolvida pelo pensador alemão "conservador" Carl Schmitt, mas tão próximo que você teria dificuldade para perceber a diferença”²⁰ (FARRED, 2008, p. 12).

Mudanças no Torcer, Problemas Sociais, Culturais e Econômicos

Já com nossos torcedores como jovens adultos, outras comparações serão possíveis. Namoros, festas, drogas, conjunções políticas são vivências que fazem com que os dois tenham uma visão diferenciada do que seja torcer.

Nesta fase, existe um confronto entre o que deve ou não compor o processo memorial-identitário (SOUZA, 2014, p. 114). Para a pesquisadora, o confronto se dá na escolha da versão do passado que é resguardada nas lembranças dos autores. Existe uma

¹⁹ Originalmente: I had discovered after the Swindon game that loyalty, at least in football terms, was not a moral choice like bravery or kindness; it was more like a wart or a hump, something you were stuck with.

²⁰ Originalmente: Maybe this is what true fandom is: intense affective relationship molded by politics – a deeply held partisanship. Not quite the absolutist distinction, friend/enemy, developed by the “conservative” German thinker Carl Schmitt, but so close you’d struggle to tell the difference.

decisão do autor de escrever o que melhor lhe convém, preocupando-se, aqui, com qual trajetória de vida quer descrever; enquanto, na memória familiar, não existe esse conflito.

Para tanto, como se tratam de duas autobiografias com traços memorialistas, podemos notar que ambos os autores escrevem sobre os fatos passados, corroborando com Lejeune, que diz: “uma autobiografia é uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). Sparkes (2004, p. 17, *apud* TAYLOR, 2013, p. 3) conta que, por esse motivo, avaliou a construção e a coexistência de identidades e “eus” múltiplos dentro de textos autobiográficos, as histórias individuais e temas para examinar autobiografias esportivas, nos revelando múltiplos “Nicks e Grants” dentro das obras.

Nick, agora com 19 anos, está desenganoado com seu time. A grande paixão surgida no início dos anos 1970, agora, havia se transformado em desilusão. “– Como se viu, minha frieza em relação a tudo não teve nada a ver com o Arsenal²¹” (HORNBY, 2000, p. 83). Isso deveu-se muito ao desempenho limitado do time nos últimos anos.

Por outro lado, Grant continuava em sua batalha para obter informação sobre o seu time. Ele conseguiria pela primeira vez assistir ao Liverpool jogar, mesmo que tenha assistido seu time jogar na televisão em 1977. Ele assistiu ao Liverpool jogar na final da FACup contra o Manchester United no estádio de Wembley, (temido por Nick), mas que daria ao Liverpool e Grant muitas alegrias. Para Grant, essa foi uma introdução cruel ao mundo dos jogos assistidos por ele, pois o Liverpool perdeu por 2x1, e a dor da derrota ainda o assombra nos dias de hoje: “A dor da derrota, como todos os fãs de

²¹ Originalmente: As it turned out, my coolness towards all things Arsenal had had nothing to do with”.

esportes sabem, pode durar - talvez eu deva apenas dizer, dura – uma vida inteira”²² (FARRED, 2008, p. 30), pois, como já dissemos aqui, a primeira vez nunca se esquece.

Mesmo depois de ter assistido ao seu primeiro jogo televisionado do Liverpool, Grant continuava a buscar recortes de jornal e revistas e fantasiar o que acontecera quando seu time jogava. Esse, para ele, era um processo no qual as informações colhidas no papel continuavam a ser transformadas em imagens através de sua imaginação. Em suas palavras:

Por mais que eu tenha amado Keegan, nunca o tinha visto jogar ao vivo com uma camisa do Liverpool, exceto naquela tarde de maio, quase 25 anos atrás. Por sete temporadas antes desse momento, e por longos períodos depois, eu pude apenas imaginar todos os jogadores do Liverpool: eu "assisti" todos os jogos do Liverpool, vibrei com todos os gols, aplaudi cada entrada mais forte, (re)criei todos os movimentos de Keegan ou Hughes em minha mente. Os únicos elementos visuais do Liverpool que eu tive foram as poucas imagens isoladas que encontrei nos jornais locais da Cidade do Cabo, no Cape Times e no Cape Argus, ou nas cópias com três semanas de defasagem da revista Shoot, então a principal fonte do futebol britânico na África do Sul²³ (FARRED, 2008, p. 31).

Enquanto a paixão de Nick pelo Arsenal já sofrera altos e baixos, a paixão de Grant seguia num aumento gradual. Mesmo envolvido agora com problemas familiares, políticos e sociais em razão do Apartheid, Grant buscava formas de escapar desses problemas usando apenas sua imaginação, vislumbrando o que seria assistir a um jogo de seu time no estádio.

Em ambos os casos, podemos dizer que, mesmo torcendo de formas diferentes, os dois são torcedores que simbolizam seus times. Dizemos isso baseando-nos na

²² Originalmente: The pain of defeat, as all sports fans know, can last – maybe I should just say, lasts – a lifetime.

²³ Originalmente: As much as I loved Keegan, I never saw him play live in a Liverpool shirt except for that one May afternoon almost 25 years ago. For seven seasons before that, and for long periods afterward, I could only imagine every Liverpool player: I “watched” every Liverpool game, I cheered every goal, I applauded every tackle, I (re)created every move by Keegan or Hughes in my mind. The only visuals of Liverpool that I had were the isolated few pictures I encountered in the local Cape Town newspapers, the Cape Times and the Cape Argus, or in the 3-week-old copies of Shoot magazine, then the premier source for British football in South Africa.

afirmação de Hobsbawm²⁴: “O indivíduo, aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação” HOBBSAWM (1994, p. 171 citado por DAMO, 1998, p. 50).

Também em 1977, Nick é aceito pela prestigiada Universidade de Cambridge, fato marcante que o difere dos outros torcedores de futebol. “É verdade que a maioria dos fãs de futebol não tem um diploma da Oxbridge,²⁵ eles são apenas pessoas”²⁶ (HORNBY, 2000, p. 88). Para ele, essas pessoas seriam aquelas que deixaram os estudos aos 16 anos, vários se tornaram hooligans e pequenos delinquentes. Podemos inferir, aqui, uma grande distinção entre classes presente na vida de Nick. O que, para ele, ser de uma melhor classe destoava com os anos em que foi torcedor fanático na North Bank.

Em Cambridge, e não podendo assistir aos jogos do Arsenal com a frequência que gostaria, começou a passar os sábados assistindo aos jogos do time da universidade, o Cambridge United. Como não poderia deixar de ser, se apaixonou pelo time e o adotou como seu 2º time, deixando de vez seu gostar pelo Reading.

Um aspecto importante para Grant é o seu sentimento de pertencimento. Ele vivia seu clube, mesmo à distância. Ele era o torcedor, no sentido de Giulianotti, um fanático, mas não podemos tipificá-lo assim pois ainda não ia ao estádio assistir aos jogos de seu time. Sabia tudo sobre seu time pelas revistas, jornais e um pouco pela televisão. “Este é o meu clube e, por extensão, a minha cidade, poderia criar estatísticas, discutir estilos, discutir os méritos dos diferentes treinadores e jogadores”²⁷ (FARRED, 2008, p. 132), ele se sentia em Liverpool mesmo estando em Cape Town.

²⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* /; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

²⁵ Oxbridge, designação dada aos alunos das Universidades de Oxford e Cambridge na Inglaterra.

²⁶ Originalmente: It is true that most football fans do not have an Oxbridge degree, they are just people.

²⁷ Originalmente: This is my club, and by extension my city, I could site statistics, I could discuss styles, I could debate the merits of the different managers and players.

Quanto a Nick, um sentimento de traição o consumia, pois estava dando mais atenção ao Cambridge United do que estava dando ao Arsenal. Então, um pensamento lhe veio à mente: “Não estou sendo infiel ao Arsenal, pois os dois times não habitavam o mesmo universo”²⁸ (HORNBY, 2000, p. 90). Sim, era verdade, pois enquanto o Arsenal estava na 1ª divisão, o United estava na 4ª divisão, divisão essa que se assemelha aos campeonatos de várzea disputados no Brasil. E, assim, ele pôde conviver bem com os dois times.

Grant não compartilha esse sentimento de traição de Nick por ter um segundo time. Ao contrário, para ele, “Outra característica de *long distance love* (amor à distância) é que você pode imaginar torcer por uma equipe "número dois"²⁹ (FARRED, 2008, p. 133), e no caso dele, o escolhido foi o Stoke City. Seu pai o havia levado para ver o Stoke jogar em Cape Town nos jogos de exibição no início dos anos 1970, e ele ficou deslumbrado ao ver em campo Sir Stanley Matthews, o primeiro jogador a ser consagrado “cavaleiro” e também Gordon Banks, o goleiro da seleção inglesa que fez uma maravilhosa defesa de uma cabeçada certeira de Pelé durante a Copa do Mundo de 1970, mesmo tendo assistido ao jogo da seção “Coloureds” (FARRED, 2008, p. 133), uma seção segregada onde os negros podiam assistir aos jogos no estádio de “Hartleyvale”, que nos dias atuais é usado como estádio de hockey.

A mistura que havia nos times da 4ª divisão chamava a atenção de Nick. Os times tinham jogadores magros e gordos, velhos e novos, todos com talento questionável e, geralmente, tinham um jogador que já havia jogado nos grandes clubes ingleses. Sem saber dessa queda de Nick pelo United e pelos jogos da 4ª divisão, Grant também participa desse momento, mesmo de longe. Afinal, eram esses times os

²⁸ Originalmente: I am not being unfaithful to Arsenal, because the two teams did not inhabit the same universe.

²⁹ Originalmente: Another feature of long distance love is that you can actually imagine a “number two” team.

convidados a fazer jogos de exibição na África do Sul e em outros países do Commonwealth (países com ligação à Inglaterra). Inclusive, ele nos narra a ida aos estádios com seu pai, para o jogo do Stoke como dito acima, e outros, sem falar exatamente qual time estava jogando, para assistir aos jogos de exibição de times ingleses de pouca ou nenhuma expressão. A maioria desses times e jogadores participava dos jogos de exibição para suplementar suas rendas, enquanto, para Grant, essas partidas serviam para mostrar a supremacia branca num regime de exceção como o Apartheid.

Ainda na construção de sua identidade, pois, como colocado por Hall, a “construção da identidade, que, neste caso, ocorre por meio da diferença, ou seja, não na relação com o *eu*, mas sim na relação com o *outro*” (HALL, 2015, p. 65), Nick se atreve a tecer uma relação com torcedoras do sexo feminino.

O futebol tem essa premissa de nos fazer sofrer, nos fazer carregar uma dor pela derrota por anos, mas, mesmo assim, continuamos firmes. Grant pensava assim, mesmo quando a ferida era grande. Naquele momento, em 1977, Grant se sente não só abandonado, mas traído. Para explicar tal sentimento, Grant usa a teoria do “*Wounded attachment*” (apego ferido) do filósofo político Wendy Brown (1995)³⁰ que diz: “Apego ferido é o nome dado à experiência de ser abandonado por alguém muito próximo a você, alguém que você imaginou conhecer intimamente, alguém que você pensava que poderia – e iria – nunca traí-lo”³¹ BROWN (1995 citado por FARRED, 2008, p. 103). Essa ferida, essa traição, essa dor incondicional tomou conta de Grant no episódio da saída de Kevin Keegan, um dos melhores jogadores do Liverpool em 1977 para o Hamburgo SV da Alemanha. Grant disse que “essas feridas são muito profundas, muito

³⁰ BROWN, Wendy. **States of Injury**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1995. FARRED, Grant. **Long distance love: a passion for football**. Philadelphia: Temple University Press, 2008.

³¹ Originalmente: Wounded attachment is the name for the experience of being abandoned by someone very close to you, someone you imagined yourself to know intimately, someone you thought could – and would – never betray you.

primitivas, para sarar completamente. Eu sei que nunca superei Kevin Keegan ter deixado Liverpool em 1977”³² (FARRED, 2008, p. 104), conta. Esse sentimento que só um torcedor fanático sente ao ser abandonado por um de seus ídolos. Outros jogadores também deixaram o Liverpool, mas, para Grant, nenhum marcou tanto como Keegan.

Identificamos, até aqui, o esforço de organização individual, a busca da memória e lembranças de Nick e Grant, sua organização e clareza ao narrarem os fatos. Isso corrobora Pollak, que, como dito anteriormente sobre a memória individual, ela “grava, recalca, exclui, relembra e é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204).

Não diferente de outro torcedor, Nick tinha vários rituais aos quais se apegava na tentativa de ver seu time vencer. “Lembro-me de comprar o programa do mesmo vendedor e entrar no estádio pela mesma catraca”³³ (HORNBY, 2000, p. 102) além de tentar “... meias da sorte, camisetas da sorte, chapéus da sorte e amigos da sorte”³⁴ (HORNBY, 2000, p.103), mas, durante muito tempo, nada disse pareceu funcionar a favor do Arsenal.

Por não frequentar os estádios para acompanhar os jogos do Liverpool, Grant não nos relata nenhum tipo de ritual ou mania de torcedor. Por outro lado, na mesma época de 1978, evidentemente com o olhar de quem está escrevendo mais de 30 anos depois, ele apenas comenta sobre a “Guerra Sucia” ou “Dirty War” (FARRED, 2008, p. 9), sobre a Copa do Mundo na Argentina, que foi uma competição contaminada pela violência, corrupção e intervenção direta dos “generalíssimos”, pois a Argentina, que vivia uma ditadura militar comandada pelo general Jorge Rafael Videla Redondo, via na organização do torneio a oportunidade de popularizar o regime e promover a distração nacional dos problemas políticos e econômicos. Mais uma vez, um governante

³² Originalmente: Those wounds are too deep, too primal, to ever heal fully. I know I never really got over Kevin Keegan leaving Liverpool in 1977.

³³ Originalmente: I remember buying the programme from the same seller and entering the stadium through the same turnstile.

³⁴ Originalmente: ... lucky socks, lucky shirts, lucky hats, and lucky friends.

usando o futebol para distrair a população dos reais problemas da nação. Naquela Copa, em virtude de todas as ocorrências, o Brasil é considerado por alguns o campeão moral, pois esteve invicto durante toda a competição.

Após alguns anos, uma preocupação que assombrava Nick se referia à sua futura paternidade. Provavelmente, todos os torcedores fanáticos, em qualquer tipificação, ou pelo menos de seguidores ou fãs na tipificação de Giulianotti, Galeano ou outras, dividam a mesma preocupação apontada por Nick. “Deve haver muitos pais em todo o país que experimentaram a rejeição mais cruel e esmagadora de todas: seus filhos acabaram torcendo pelo time errado”³⁵ (HORNBY, 2000, p. 122). Preocupações de um pai como Nick em continuar, na família, o fanatismo pelo seu time de futebol são normais. O mais interessante é o fato de que, mesmo sendo fanático, e se utilizando de milhares de artifícios, geralmente tudo isso não resulta necessariamente em conseguir passar adiante, isto é, aos seus filhos, seu fanatismo por um time de futebol. Com Nick, não foi diferente: sua preocupação se concretizou. Na entrevista que deu ao jornal *The Guardian*³⁶, em 2000, disse que seu filho, que fora diagnosticado com autismo, decidiu ser um Spurs, torcedor do Tottenham, muito a contragosto e tornando sem efeito todas as tentativas de seu pai.

Grant não nos revela nada sobre seus filhos, pois na época em que escreveu a obra, eles ainda não haviam nascido. Mas, ao ser perguntado, numa troca de e-mails que se deu no ano de 2020 conosco, ele disse que, em relação ao futebol, seus filhos são agnósticos, lhes faltam a fé pelo Liverpool.

Quanto à importância do futebol e seus clubes em suas vidas, é interessante avaliar a percepção dos autores aqui analisados.

³⁵ Originalmente: “There must be many fathers around the country who have experienced the cruelest, most crushing rejection of all: their children have ended up supporting the wrong team”.

³⁶ Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2000/nov/08/fiction.nickhornby>. Acesso em: 27 ago. 2020.

O futebol tem uma importância extrema na vida de Nick, mas nem tanto quanto tem o Arsenal. “Eu sou um fã do Arsenal em primeiro lugar, e em segundo lugar, sou um fã de futebol”³⁷ (HORNBY, 2000, p. 127), fala que Nick usa para descrever sua relação com o futebol. Ainda para complementar a importância do futebol para ele e para todos os outros torcedores, sendo que, para ele especificamente, o futebol é mais importante do que entretenimento, Nick usa as palavras do ex-jogador Alan Durban³⁸ (não nos oferece a referência): “(...) o futebol é um universo alternativo, tão sério e tão estressante como o trabalho, com as mesmas preocupações e esperanças e decepções e elações ocasionais”³⁹ (HORNBY, 2000, p. 127).

Grant, por sua vez, também nos traz a mesma ideia sobre a importância do futebol para ele. Mas a importância do Liverpool é expressada com as seguintes palavras (que ele divide com Bill Shankly)⁴⁰: “Existem apenas duas equipes em Liverpool: Liverpool e os Reservas do Liverpool”⁴¹ (FARRED, 2008, p. 111), sendo que ele não tinha a mesma intenção de satirizar o Everton, o outro time da cidade de Liverpool.

No mesmo ano, Grant assistia, sem muito acreditar, à estreia de um jogador negro pelo Liverpool. Howard Gayle, o primeiro jogador negro a atuar numa partida pelo Liverpool. Seu caso é curioso, pois assinou contrato com o time em 1977, mas só jogou a primeira partida em 1980 e até o ano de 1983, quando foi dispensado. Ele jogou apenas 5 partidas em 6 anos de time. Importante elucidar que ele era de Toxteth, uma região de Liverpool, “a mais antiga comunidade negra nativa na Grã-Bretanha”⁴²

³⁷ Originalmente: I am an Arsenal fan first, and a football fan second.

³⁸ William Alan Durban é um ex-jogador de futebol e técnico internacional galês entre as décadas de 1970 e 1990. Ele jogou na Liga de Futebol de Cardiff City, Derby County e foi gerente-jogador da cidade de Shrewsbury.

³⁹ Originalmente: “...that football is an alternative universe, as serious and as stressful as work, with the same worries and hopes and disappointments and occasional elations.

⁴⁰ Técnico do Liverpool de 1959 a 1974.

⁴¹ Originalmente: There are only two teams in Liverpool: Liverpool and Liverpool Reserves.

⁴² Originalmente: the oldest indigenous black community in Britain.

(FARRED, 2008, p. 135), segundo Grant. Apenas como algo a se pensar: a passagem de Gayle pelo Liverpool teria sido diferente se ele fosse branco?

Como apontado por ambos no decorrer de suas narrativas, podemos concluir que a violência na época não se resumia apenas ao futebol, mas, sim, às condições socioeconômicas e políticas impostas pelo governo britânico e pelo governo sul-africano.

Ao se aproximar dos 30 anos de idade, um certo estranhamento com a temporada de 84/85 começa a perturbar a Nick. Não com o time, mas com a torcida. Aqui, ele se assemelha mais com o *Torcedor de Raízes*: sua adesão aconteceu no primeiro dia lúdico de sua vida, e continuará crescendo, é um fã apaixonado, se considera parte do processo, sem ele, o jogador estará órfão. Mesmo quando não vai ao estádio, o que é raro, encontra formas distintas de torcer, como rituais próprios, é supersticioso e sempre recorre à fé (...), como apontado por Carvalho (2014, p. 16-18). Esse torcedor é aquele que tudo sabe sobre seu time e, no caso de Nick, isso o estava incomodando.

Grant nutria um sentimento parecido. Nenhum de seus amigos torciam para o Liverpool, e alguns colegas de escola que alegavam torcer para o Liverpool não tinham nenhum conhecimento sobre o time, sua história, jogadores, estatísticas, nada. Grant dizia que, mesmo em casa, não se sentia em casa, pois sua psique estava em Liverpool, mas seu físico estava em Cape Town e ele não podia ir a Anfield para assistir aos jogos do Liverpool, se sentia isolado do mundo em seu próprio país.

Os anos 1980 foram, sem sombra de dúvida, os mais violentos na história do futebol inglês. Principalmente pelo número de tragédias nas quais os times ingleses estavam presentes.

Sob essa perspectiva, podemos inferir que, em relação à memória individual de Nick e de Grant, elas se identificam com as representações do que Candau se referiu

anteriormente como “metamemória, ou seja, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2013, p. 24). Mesmo não tendo participado efetivamente dos eventos, o enunciado do grupo os fará ter tido a memória de ter participado.

Ele aponta que, durante as temporadas da década de 1980, os jogos eram marcados na parte da manhã, evitando que os torcedores pudessem ir aos pubs antes dos jogos. Era proibida a venda de bebidas dentro do estádio e aos arredores dele.

Mesmo não torcendo para a Seleção Inglesa, Grant faz um breve comentário do acontecimento da Copa do Mundo de 1986 sobre o jogo entre Argentina e Inglaterra. O famoso “Hand of God”, “La Mano del Dios”, “A Mão de Deus” (FARRED, 2008, p. 61), isto é, gol de Maradona e assim mesmo por ele chamado, já que foi feito usando a mão para dar um toque por cima do goleiro inglês Peter Shilton. Ele não discute sobre o gol nem a derrota inglesa, mas, sim, sobre um gênio do futebol que também é um trapaceiro. E em comparação com Barnes e Gerrard, um jogador menor.

Após sete anos sem ver seu time chegar nem ao menos perto de uma decisão, tudo parece mudar em 1987. Até a loucura de Nick: “Naquela noite, deixei de ser um lunático torcedor do Arsenal e reaprendi a ser um fã, ainda mal-humorado e perigosamente obsessivo, mas apenas um fã”⁴³ (HORNBY, 2000, p. 174), o que não foi bem o que aconteceu. Naquela noite, o Arsenal venceu o Liverpool (Nick não se cansa de citar jogos contra o Liverpool), pela final da Littlewoods Cup⁴⁴, que mais tarde seria chamada de League Cup, pelo placar de 2x1 de virada no até então terrível estádio de Wembley. Mesmo dizendo que voltara a ser um fã apenas, ele diz que não se lembra de nada, e que esse teria sido “o segundo de três ou quatro momentos marcantes de uma

⁴³ Originalmente: That night I stopped being an Arsenal lunatic and relearnt how to be a fan, still cranky, and still dangerously obsessive, but only a fan nonetheless.

⁴⁴ Littlewoods Cup é uma competição que muito se assemelha à Copa do Brasil, com 92 clubes de várias divisões do futebol inglês.

vida no futebol em que meu delírio era tal que eu não tinha ideia do que estava fazendo, onde tudo ficou em branco por alguns momentos”⁴⁵ (HORNBY, 2000 p. 173). Qual melhor descrição de um torcedor fanático que, entre em delírio e esquecimento completo quando da vitória de um título pelo seu clube? Comum a todos os torcedores não se lembrar por alguns momentos vitórias e títulos triunfais.

No mesmo ano de 1987, estrearia no Liverpool John Barnes, considerado por Grant como “God” (Deus) do futebol. Como descrito anteriormente por Polley, sua contratação não foi tão simples como a de qualquer outro jogador branco pelo Liverpool. Fato inegavelmente interessante, pois, assim como Grant, Barnes era negro e foi a “maior contratação de um jogador negro pelo Liverpool” (POLLEY, 2003, p. 135). Para os torcedores do Liverpool, clube eminentemente elitista e racista (POLLEY, 2003, p. 135), tal contratação gerou uma série de consequências. Mesmo com os comentários do gerente de futebol do Liverpool, Kenny Dalglish, tentando atenuar um pouco sua contratação – “Ele não é um jogador negro, ele é um jogador” (POLLEY, 2003, p. 135) – e defendendo apenas a qualidade do jogador, o fato não convenceu a torcida.

Nick, por sua vez, estava feliz que o novo jogador do Liverpool só faria sua estreia depois da Littewoods Cup final. Já no primeiro jogo, Barnes joga muito bem e ajuda o Liverpool a ganhar do Arsenal em Highbury. Fato normal para Nick: ver seu time perder em casa, mas muito triste pela reação da torcida do próprio Liverpool que jogou bananas no campo em direção a Barnes simplesmente pelo fato de ser negro. Isso também foi colocado por Polley, quando conta que os torcedores do Liverpool entoavam cantos racistas e jogavam bananas na direção de Barnes (POLLEY, 2003, p. 135). Fato esse que só perdeu em caráter racista para os torcedores do Everton, rivais

⁴⁵ Originalmente: the second of three or four lifetime football moments where my delirium was such that I had no idea what I was doing, where everything went blank for a few moments.

locais do Liverpool, que além de jogarem bananas, cantavam “Nigerpool! Nigerpool!”⁴⁶ e “Everton are White!” (Everton é branco) (HORNBY, 2000, p. 180). A única reação de Grant em relação aos protestos racistas das torcidas em relação a Barnes era “Não consigo desassociar o Apartheid na África do Sul do Apartheid no Liverpool”⁴⁷ (FARRED, 2008, p. 145), ou seja, a segregação racial era o que mais incomodava Grant tanto na África do Sul quanto no time e cidade de Liverpool.

Para Grant, contudo, o ano de 1988 ainda traria muitas emoções. A final da FA Cup. Naqueles tempos época, já era um torcedor ávido por acompanhar aos jogos pela televisão, e por que não, “cornetar” o técnico do seu time. Como Grant praticamente não fala das derrotas do Liverpool, este é um dos poucos momentos narrados por ele, mas, claro, com um tom de injustiçado. “Não posso esquecer a injustiça da derrota para a tática violenta de Wimbledon na Copa da Inglaterra de 1988. Jogamos tão bem com nosso novo time”⁴⁸ (FARRED, 2008, p. 133).

O ano de 1989 ainda traria mais emoções para os dois. Dessa vez, Grant não estaria mais em casa, em Cape Town. Havia se mudado para os Estados Unidos pouco depois da tragédia de Hillsborough. Sua nova casa agora era Nova York para estudar na *Columbia University*. Mas, mesmo nos Estados Unidos, Grant relata a dificuldade para assistir aos jogos do Liverpool, uma vez o que o futebol bretão não tinha tanta cobertura na época.

“*The greatest moment ever*” (O maior momento de todos) Liverpool vs Arsenal 26.5.89 (HORNBY, 2000, p. 217). Assim Nick inicia uma das últimas narrativas do nosso recorte temporal. Em 23 anos como torcedor, apenas 7 times haviam vencido a Primeira Divisão do Campeonato Inglês, o Arsenal apenas uma em 1971 (pois a final de

⁴⁶ Uma junção entre as palavras NIGER (negro) e Liverpool, afirmando que o Liverpool era negro.

⁴⁷ Originalmente: I cannot disconnect Apartheid SA from Apartheid LP.

⁴⁸ Originalmente: I cannot forget the Injustice of the loss to the thuggish tactics of Wimbledon in the 1988 FA Cup. We played so beautifully with our new team.

1989 ainda não havia ocorrido) e acachapantes 11 vezes o Liverpool. Nessas duas décadas de 1970 e 1980, Nick acreditava que o Arsenal nunca mais ganharia a Liga novamente durante sua vida. Já Grant, com Barnes no time, pensava que nunca mais a perderia.

Como qualquer bom torcedor, no início de cada temporada, tendemos a pensar que essa seria a vez de o nosso time se consagrar campeão. Contudo, com as péssimas temporadas do Arsenal, Nick já havia deixado de acreditar nessa possibilidade. “Era como se, entre 1975 e 1989, assim como alguns deixam de acreditar em Deus, eu deixara de acreditar no Arsenal. Eu apenas tinha certa esperança”, diz (HORNBY, 2000, p. 216-217).

Importante ressaltar que, nessas crônicas que datam do fim da década de 1980, o autobiógrafo tem mais elementos para recontar sua própria vida. Sua memória individual, alimentada pela memória coletiva dos jogos e todos que ali participaram está mais vívida. De acordo com Molloy, “Uma vez que ele vive no livro que escreve e se refere à sua própria vida” (MOLLOY, 2003, p. 33), as representações mais próximas trazem à tona suas lembranças com um grau menor de esquecimento.

Em 1989, mesmo relutante, Nick permitiu acreditar que seria possível vencer aquele campeonato. Faltando 3 jogos, 5 pontos na frente do Liverpool. Jogos em Highbury, tudo indicava que seria daquela vez.

Por mais fanático que Nick pudesse ser, sabia que o Arsenal nos últimos anos sempre lhe falhara. O normal aconteceu, perderam em casa para Derby e empataram com Wimbledon. O Liverpool tinha ainda dois jogos, contra Westham e o próprio Arsenal, com o complicador de serem ambos os jogos em Anfield, casa do Liverpool.

Tudo ficou para ser decidido no último jogo. Precisavam ganhar a partida marcando dois gols a mais que o Liverpool, ou seja, Nick já esperava e estava relativamente preparado para o que iria acontecer.

Como o jogo seria em Anfield, e para a felicidade de Nick não em Wembley, ele tinha alguma esperança, mas, naquele dia, em razão da distância e a violência, não iria ao estádio. Descartou seus rituais, como compra de programa e outros, foi até o estádio do Arsenal e comprou uma nova camisa, depois no trabalho, passou mal, pois a ansiedade o consumia. Em vez de assistir ao jogo em casa, foi à casa de alguns amigos, onde assistiu ao jogo pela televisão.

Marcamos logo no início do 2º tempo, mas, depois, o Liverpool exercia uma grande pressão e, neste momento, já estariam esperando o pior. Mas, no último minuto da partida, depois dos 90 regulamentares, o meia Michael Thomas marcou nos últimos segundos. “Eu estava deitado no chão e todos na sala pularam em cima de mim. Dezoito anos, tudo esquecido em um segundo⁴⁹ (HORNBY, 2000, p. 217). Assim são os torcedores: basta uma vitória ou um título e tudo o que passou, o sofrimento, a angústia e as vezes em que quase perdeu a vida torcendo por seu time, são esquecidos como num passe de mágica. Essa é, sim, a graça do futebol. Sua única reclamação era que nada poderia descrever aquele momento, nenhum dos momentos que as pessoas descrevem como único e melhores de suas vidas se igualavam ao seu sentimento ali (HORNBY, 2000, p. 222).

Fato curioso, como já descrito acima, é o de que Grant não comenta derrotas, apenas uma ou outra, e sobre esta épica batalha contra o Arsenal, ele não faz nenhuma referência em toda a obra. Mas entendemos bem o porquê neste momento de comparação, um torcedor com sua “condição” jamais daria o braço a torcer e comentar

⁴⁹ Originalmente: I was flat out on the floor, and everybody in the living room jumped on top of me. Eighteen years, all forgotten in a second.

sobre uma derrota tão dolorosa para os torcedores do Liverpool como essa que reacendeu a paixão de todos os torcedores do Arsenal.

No último jogo da década de 1980, Arsenal 4 vs Norwich 3, todas as possibilidades foram conferidas. Na última crônica de Nick sobre a década de 1980, ele nos brinda a descrição do que seria, pelo menos para ele, o jogo perfeito, na visão do torcedor.

1- Gols: o máximo possível; 2- Péssimas decisões da arbitragem; 3- Uma torcida barulhenta; 4- Chuva, superfície gordurosa e escorregadia; 5- O time adversário perde uma penalidade; 6- Membro da equipe adversária recebe cartão vermelho; 7- Algum tipo de incidente vergonhoso (Hornby, 2000, p. 229); 8- Emoção até o último segundo de partida (*Este por nós acrescentado em razão do que aconteceu no jogo*).

Tudo isso nos deixa uma pergunta: Qual torcedor, fanático ou não, não gostaria de terminar a temporada com o título e um jogo de grandes emoções?

Chegando ao fim dessa comparação, entendemos que, na verdade, não existe uma tipificação única para Grant e Nick. Ambos passaram por todas as fases descritas por Giulianotti, Galeano, Damo, Carvalho e outros, eles são uma mistura de todos os torcedores e têm alguns aspectos aflorados de cada tipificação oferecida em razão do momento do clube e do momento pessoal de cada um. Em resumo, eles são “torcedores de futebol”, ou, nas palavras de Marcelino Silva, “verdadeiros sportsmen” (SILVA, 2006, p. 71).

Considerações Finais

O interesse sobre os estudos autobiográficos vem crescendo a cada dia, transformando-se em um tema que tem suscitado novos estudos e denominações por parte dos pesquisadores do gênero. Diante disso, tomamos como objetivo principal desta tese a realização de um estudo comparativo entre as obras *Fever Pitch*, de Nick

Hornby, e *Long Distance Love – a passion for football*, de Grant Farred. A proposta foi a de visualizar a relação entre memória, identidade e autobiografia, com foco no seu subgênero: autobiografia esportiva. Para tanto, observamos de que forma os autores apresentam o papel do torcedor de futebol em suas respectivas obras.

Nossa intenção foi tentar preencher uma lacuna em relação ao estudo comparativo das obras que compõem o corpus de análise, já que não encontramos registros de pesquisas ou trabalhos publicados com essa conotação, permitindo, com isso, que novos estudos nesta mesma linha sejam realizados – tanto na área dos Estudos do Lazer como em outras áreas que analisem autobiografias.

Para fundamentar a análise das duas narrativas e atender aos objetivos da nossa pesquisa, estudamos obras complementares sobre autobiografias; autobiografias esportivas; memória, lembranças e esquecimento; futebol e situação política, social e cultural na Inglaterra e África do Sul.

Nos primeiros capítulos, que versam sobre os temas acima descritos, principalmente “autobiografia”, um tema polêmico, tomamos como embasamento teórico a pesquisa das teorias autobiográficas, em especial o pacto autobiográfico, gênero que foi cunhado pelo pesquisador francês Philippe Lejeune. Inicialmente, foi publicado na revista *Petique*, em 1973, e definitivamente em livro com a publicação da obra *Le Pacte Autobiographique* em 1975.

Investigamos, ainda, os conceitos de Andrew C. Sparkes sobre autobiografias esportivas, como também as definições sobre memória e identidade adotadas por Stuart Hall, Joel Candau, Michael Pollak e Maurice Halbwachs. Os conceitos sobre historiografia de Alain Courbin e Matthew Taylor, entre outros, também foram utilizados.

Consideramos que algumas dessas teorias explicam a questão autobiográfica esportiva e memorialista em relação às obras apontadas como nosso objeto de estudo e nos possibilitam uma triangulação entre as obras em si e o contexto histórico e social de cada um dos autores.

Além da leitura analítica dos livros selecionados, realizou-se uma pesquisa em trabalhos publicados sobre os autores em livros, jornais e periódicos. As décadas de 1970 e 1980 foram selecionadas para que fosse possível efetuar uma comparação entre as obras, sabendo que elas têm, como centralidade, além do torcedor de futebol e a passionalidade clubística, a literatura esportiva inglesa.

Tomando por base as obras que formam a corpora de análise da presente pesquisa, traçamos uma comparação entre as trajetórias de Nick Hornby e Grant Farred, desde a infância, traçando semelhanças e diferenças de como o gosto pelo futebol se desenvolveu e, ainda, como se tornaram torcedores de seus times em particular. Focamos em momentos que desvendam como suas obsessões futebolísticas afloraram, nos valendo das coincidências e curiosidades que, além de fazerem parte do universo do futebol para os dois, também os diferenciam entre si.

Uma questão que prevalece na dualidade entre os dois está em suas classes de origem. Enquanto Grant tem sua família como classe trabalhadora, mas na África do Sul e durante o regime do Apartheid, Nick vem de uma família de classe média, na Inglaterra, que passava também por momentos socioeconômicos e políticos conturbados.

Na análise comparativa aqui proposta, partimos de sua tenra idade até meados de sua adolescência, quando ambos, Grant e Nick, dão uma guinada em suas vidas. Na sequência, tecemos a comparação entre os dois torcedores já em sua fase adulta. Relembramos que Nick Hornby vivia em Londres, mesma cidade do Arsenal, enquanto

Grant Farred vivia na África do Sul, em pleno regime do Apartheid. Além disso, era um garoto negro torcendo pelo Liverpool, um time reconhecido por não permitir jogadores negros em suas equipes naquele momento.

Podemos entender que Nick Hornby, enquanto torcedor do Arsenal, não apenas traduz o estilo de jogo do clube, como também estabelece diferentes estilos de torcer como atividades de lazer. Ao longo da narrativa que localiza o futebol em sua vida, Nick trabalha essencialmente com dois elementos, como nos aponta Lise: “o envolvimento febril e sofrido com o Arsenal; e a aversão a algumas formas de torcer – aqueles que só comparecem ao estádio quando o clube está em boa fase e os hooligans, que sequer são considerados torcedores pelo autor” (LISE, 2018, p. 63).

Observamos que Grant Farred, enquanto torcedor do Liverpool, desenvolve em maiores particularidades o estilo de jogo do clube, pois foca um pouco mais em alguns jogadores específicos, que, para ele, são deuses do futebol. Diferentemente da narrativa de Nick, Grant trabalha com outros elementos, como dito por Stefan Szymanski⁵⁰: “uma obsessão de torcer pelo esporte conduzida em diferentes continentes e que nos mostra como o torcer no futebol transcende e incorpora a política” (FARRED, 2008, n.p).

Como destacado na comparação entre os dois torcedores, ambas as narrativas – que tratam de suas lembranças futebolísticas, sociais e políticas, mas também de certas aversões – nos mostram que os autores são realmente fãs do esporte, são torcedores que fazem de tudo para torcer por seus times, mas sem nenhum desrespeito às regras, com histórias pautadas na própria vida.

Embora apresentem estruturas narrativas literárias um tanto quanto diferentes, retratam o real sentimento do torcedor. No caso de Nick, há mais sofrimento do que alegria em razão dos resultados do Arsenal. Já para Grant, também há um grande

⁵⁰ Referência na contracapa do livro de Farred.

sofrimento, mas causado pelo distanciamento geográfico entre ele e o Liverpool e não em razão dos resultados do time em si.

Daí a perspectiva utilizada na elaboração dos capítulos desta tese, como uma narrativa que se inicia pelo posicionamento teórico-metodológico para, em seguida, abordar o plano contextual das possíveis comparações entre as obras. Como temas que foram suscitados com as comparações, podemos citar o trágico, ou violento no futebol; vitórias e derrotas; jogadores de seus times; torcer a qualquer custo; títulos e falta de títulos, obsessão ou condição do torcer pelo torcedor. Nessas correlações imbricadas nas questões históricas, sociais e econômicas de cada um é que se estabelece uma resposta aceitável para a problematização da presente pesquisa.

Sob nosso ponto de vista, este trabalho traz uma contribuição ao campo dos Estudos do Lazer e ao campo dos estudos sobre o futebol e suas representações sociais. Este estudo apresenta uma teoria, os estudos sobre autobiografias esportivas com foco no torcedor e não em celebridades, que é pouco difundida nos Estudos do lazer no Brasil e, dessa forma, pode fomentar o interesse de outros pesquisadores por esta temática.

AUTOBIOGRAFIAS

FARRED, Grant. **Long distance love: a passion for football**. Philadelphia: Temple University Press, 2008.

HORNBY, Nick. **Fever Pitch**. London: Penguin Books, 2000.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Pelé: a autobiografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

REFERÊNCIAS

BELLOS, Alex. **Futebol: The Brazilian Way of Life**. Bloosbury, 2002.

CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

CARVALHO, José Eduardo de. **Atleta do futuro**. 150 anos de futebol. São Paulo, SP: SESI-SP Editora, 2014.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier** - o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e seus torcedores. 1998. 247f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e *flaneurs*: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 5, n.1, jun. 2012.

GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **O lazer e as fases da vida**. Disponível em: <https://grupootium.files.wordpress.com/2011/06/lscapitulo9.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2019.

GOMES, Christianne L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GOMES, Christianne L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LEJEUNE, Philippe. **A Plea for a Guide to Autobiographical Europe**. Life Writing in Europe. Amsterdam: Founding Conferece IABA Europe, 2009.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

LISE, Natasha Santos. **Arsenal, we're on your side**: uma análise do futebol em Nick Hornby. Tese (Doutorado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e cultura: algumas aproximações. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e Cultura**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2007. p. 9-30. (Coleção estudos do lazer).

MOLLOY, Sylvia. **Vale o escrito**: a escrita autobiográfica na América hispânica. Tradução Antonio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLEY, Martin. **Moving the Goalposts**. A history of sport and society since 1945. Taylor & Francis e-Library, 2003.

SMITH, S. and WATSON, J. **Reading autobiography**: a guide for interpreting life narratives. 2nd ed. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2010.

SPARKES, Andrew C. Bodies, narratives, selves, and autobiography. The example of lance armstrong. **Journal of Sport & Social Issues**, v.28, n.4, p. 397-428, Nov., 2004.

SPARKES, Andrew C.; STEWART, Carly. Taking sporting autobiographies seriously as an analytical and pedagogical resource in sport, exercise and health. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 8, Issue 2, p. 113-130, 2015.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Silvio Ricardo da. **Tua imensa torcida e bem feliz...** da relação torcedor com o clube. 2001. 130p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274864>. Acesso em: 21 fev. 2019.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, v. 16, n.1, 2014.

STEBBINS, R. A. **Amateurs, Professionals, and Serious Leisure Montreal, QC, and Kingston**. Ontario: McGill-Queen's University Press, 1992.

TAYLOR, Matthew. De Fonte a Objeto: Esporte, História e Autobiografia. **Recorde: Revista de História do Esporte**. v. 6, n. 2, julho-dezembro, 2013.

TAYLOR, Matthew. From Source to Subject: sport, history, and autobiography. **Journal of Sport History**, v. 35, n. 2, p. 469-491, 2008.

WOOLRIDGE, Joyce. These Sporting Lives: football autobiographies 1945–1980. **Sport in History**, v. 28, Issue 4, p. 620-640, 2008.

Endereço do Autor:

Eduardo de Oliveira Bueno Queiroz Fontes
Endereço eletrônico: eduardobuenofontes@gmail.com